

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE ARTES - DEPARTAMENTO DE ARTES VISUAIS
LICENCIATURA EM ARTES VISUAIS

INGRID NOAL SCHIRMER

**PRODUÇÃO DO MATERIAL DE APOIO PARA PROFESSORES-
RAÍZES AFRICANAS DO EGITO ANTIGO:**

Uma abordagem interdisciplinar a partir das artes visuais.

Porto Alegre, Dezembro de 2018.

INGRID NOAL SCHIRMER

**PRODUÇÃO DO MATERIAL DE APOIO PARA PROFESSORES-
RAÍZES AFRICANAS DO EGITO ANTIGO:**

Uma abordagem interdisciplinar a partir das artes visuais.

Trabalho de conclusão de curso
apresentado à Universidade Federal do
Rio Grande do Sul / UFRGS como
requisito parcial para a obtenção do
título de Licenciado em Artes Visuais.

Orientadora:

Profa. Dra. Andrea Hofstaetter

Banca examinadora:

Profa. Dra. Aline Lemos da Cunha Della Libera

Prof. Dr. Paulo César Ribeiro Gomes

Porto Alegre, Dezembro de 2018.

Agradeço à professora Andrea Hofstaetter pela orientação, incentivo e apoio, e aos professores da banca, por aceitarem o convite e por seus ensinamentos ao longo do curso.

SUMÁRIO:

Introdução	11
1. Por que criar um material de apoio para professores sobre as raízes africanas do Egito Antigo?	15
1.1 África e Brasil, e a Lei 10.639.....	15
1.2 Experiências práticas	17
1.3 Descolonizar os currículos	19
1.4 O Egito antigo e a civilização Ocidental.....	21
2. Linha de pesquisa	25
2.1 Breve histórico sobre a <i>Afrocentricidade</i> os estudos <i>Africana</i>	25
2.2 Escolha da linha de pesquisa afrocêntrica.....	29
3. Apresentando o material	31
3.1 Arte na Idade da Pedra e a Arte Rupestre - Capítulo 1.....	31
3.2 Os Primeiros Egípcios - Capítulo 2.....	33
3.3 Dados Culturais - Capítulo 3.....	35
3.4 Representações dos Faraós - Capítulo 4.....	36
3.5 Relações com a Núbia - Capítulo 5.....	37
Considerações Finais	39
Referências	41

Resumo:

Esse trabalho de conclusão do curso de Licenciatura em Artes Visuais, apresenta a produção do material de apoio destinado a professores do ensino fundamental e médio; o assunto central é sobre as raízes africanas do Egito Antigo. Tem como referência fundamental o segundo volume da Coleção História Geral da África. Como o próprio subtítulo deixa evidente, possui uma abordagem interdisciplinar, tendo como referencial as artes visuais. O material de apoio para o professor produzido nesse TCC, tem o objetivo de colaborar com conteúdos que possam ter utilidade prática para o entendimento da africanidade do Egito Antigo, expondo as relações dessa civilização com outros povos do continente africano, no passado e no presente.

Palavras-chave: arte egípcia; arte africana; ensino de artes visuais; negro; negritude; africano; Egito Antigo;

Introdução

Esta monografia discorre sobre a produção do material de apoio destinado a professores do ensino fundamental e médio, sua necessidade e implicações do tema e da abordagem proposta na educação brasileira.

A produção do material de apoio para professores- *Raízes Africanas do Egito Antigo: Uma Perspectiva Interdisciplinar a Partir das Artes Visuais*, apresentado nesse trabalho de conclusão de curso de Licenciatura em artes Visuais, é o resultado da busca pelo entendimento das artes afro-brasileiras e africanas. Para tal, foram necessárias pesquisas de conteúdos não somente no campo das artes visuais e da educação, mas de outras áreas, entre elas, da história, da geografia e da antropologia. Além da busca pelo conteúdo, foram de extrema importância, leituras sobre as questões raciais e sobre o racismo, assim como conversas com pesquisadores, professores e artistas negros sobre suas visões e vivências a respeito da arte e da educação brasileira. O interesse pelas conversas com profissionais negros e leituras sobre o racismo, ocorreram com o intuito de produzir um trabalho respeitoso e colaborativo.

Cheikh Anta Diop afirmava, com todo o rigor, que “raça” é uma construção fenotípica e sociocultural, não uma condição biomolecular. Ele dizia com frequência que é possível um sueco e um banto sul-africano serem geneticamente mais próximos entre si do que cada um deles a outras pessoas de sua própria raça. Mas, na África do Sul de 1980, o sueco seria um homem livre, enquanto o banto seria mais um integrante da maioria oprimida e violentada pelo apartheid. Diop dizia, também com referência à África do Sul de 1980, que os brancos costumam negar a realidade das raças ao mesmo tempo que tentam destruir uma raça. Geneticamente, não pode haver raças; a noção fenotípica e sociocultural de raça ainda define a maioria das relações humanas até hoje. (Nascimento, 2009, p.5, apud SCHIRMER, 2018, p. 3)¹

A elaboração desse trabalho de conclusão de curso apoiou-se em autores e pesquisas que concebem o Egito Antigo enquanto civilização africana. Quando comecei a inteirar-me dessa abordagem, várias questões causaram-me estranheza. Mudar o referencial eurocêntrico sobre a história do Egito foi uma grande aprendizagem e reajuste, pois desde a mais tenra idade eu havia aprendido que o Egito estava ligado ao oriente e nada tinha a ver com os povos

¹ Foi considerado importante a repetição de certas citações na monografia e no material de apoio para professores, devido a profundidade e peso de algumas citações para esse trabalho. Portanto, a colocação do apud nesses casos fez-se necessária para que o leitor seja informado desse uso.

africanos. Porém as inúmeras correlações que fui percebendo ao longo das leituras e análises entre o Egito Antigo e a África, me convenceram completamente de que

as teses sobre a africanidade do Egito não podem ser meras suposições, até porque existem estudos muito bem embasados e detalhados a respeito.

O início das pesquisas para esse TCC, ocorreu pelo interesse na arte afro-brasileira, porém a partir das primeiras investigações a respeito do tema, foi possível perceber a imensa distância entre os significados das produções artísticas de matrizes africanas para as comunidades negras e as interpretações de grande parte do circuito institucionalizado das artes visuais, (que incluem museus, galerias de arte e universidades), situação que também alcança as escolas.

Na tentativa de desfazer certos preconceitos e estereótipos, os estudos seguiram buscando na África os legados trazidos para o Brasil (fundamentais para a arte afro-brasileira). Ao investigar a arte no continente africano, ocorreu a identificação de culturas milenares, que possuem relações e similaridades com o Antigo Egito. São diversas afinidades, entre elas: ideias e entendimentos do que é arte, concepções de mundo, expressões religiosas, correspondências morfológicas, fonéticas e sintáticas entre o egípcio faraônico e as línguas da África negra (especialmente o Wolof).

Durante muito tempo, mitos e preconceitos de toda espécie esconderam do mundo a real história da África. As sociedades africanas passavam por sociedades que não podiam ter história. [...] Com efeito, havia uma recusa a considerar o povo africano como o criador de culturas originais que floresceram e se perpetuaram, através dos séculos, por vias que lhes são próprias e que o historiador só pode apreender renunciando a certos preconceitos e renovando seu método. Da mesma forma, o continente africano quase nunca era considerado como uma entidade histórica. Em contrário, enfatizava-se tudo o que pudesse reforçar a ideia de uma cisão que teria existido, desde sempre, entre uma “África branca” e uma “África negra” que se ignoravam reciprocamente. Apresentava-se frequentemente o Saara como um espaço impenetrável que tornaria impossíveis misturas entre etnias e povos, bem como trocas de bens, crenças, hábitos e ideias entre as sociedades constituídas de um lado e de outro do deserto. Traçavam-se fronteiras intransponíveis entre as civilizações do antigo Egito e da Núbia e aquelas dos povos subsaarianos. (HISTÓRIA GERAL DA ÁFRICA I, 2010, p. XXI-XXII, apud SCHIRMER, 2018, p. 7)

A respeito da perspectiva afrocêntrica, quando comecei a ler sobre essa visão epistemológica, em função da denominação, o primeiro impacto pareceu-se

o oposto radical do eurocentrismo, porém, logo nas primeiras horas de leitura, tal impacto se desfez. A perspectiva afrocêntrica não tem por objetivo uma atitude vingativa, de um suposto racismo às avessas, ou tenta abordar as questões raciais numa tentativa de uma aparente segregação invertida (pessoas negras excluindo brancas), prova disso é a aceitação e participação nos estudos baseados na afrocentricidade de pessoas de diversas origens raciais. A perspectiva afrocêntrica reivindica sim, que várias questões históricas sejam revistas de forma efetiva. Um direito legítimo, pois durante séculos a História da África e sua diáspora foi contada a partir da visão do colonizador.

1. Por que criar um material de apoio para professores sobre as raízes africanas do Egito Antigo?

1.1 África e Brasil, e a Lei 10.639

A Lei 10.639, entrou em vigor em 09 de janeiro de 2003, alterando “a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática ‘História e Cultura Afro-Brasileira’”, porém na prática, a educação precisa avançar em abordagens realmente inclusivas, livres de preconceitos, e visões distorcidas e estereotipadas da temática que a lei determina (PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA). Para o real entendimento da cultura brasileira, que tem como uma de suas bases fundamentais as contribuições culturais negras, é de extrema importância que o continente africano seja abordado, Para tanto, a lei prevê que o conteúdo programático deve incluir “o estudo da História da África e dos Africanos.” (PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA).

Para que os estudantes também alcancem a profundidade da “luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, resgatando a contribuição do povo negro nas áreas social, econômica e política pertinentes à História do Brasil” é importante que seja compreendida que a história da África é muito antiga, anterior às Grandes Navegações, ao tráfico escravagista e a exploração do continente pelos europeus. (PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA) Em diversos períodos históricos, existiram na África sociedades prósperas, detentoras de culturas e conhecimentos importantes, que foram trazidos para as Américas com a vinda forçada de seu povo. O Brasil, assim como muitos outros países do continente americano, absorveu saberes africanos das mais variadas ordens: culturais, artísticos, nas áreas da agricultura, da pecuária e tantas outras.

Os estudos científicos de Théophile Obenga e Cheik Anta Diop demonstraram que povos da costa ocidental da África, entre eles, os grupos étnicos iorubá e wolof (o primeiro encontrado principalmente na Nigéria e segundo

no Senegal, mas também em países vizinhos como a Mauritânia e Gâmbia), possuem vínculos culturais estreitos com o Egito Antigo. É importante que o assunto seja abordado porque além das origens africanas do Império Egípcio e de sua localização geográfica na África, grupos étnicos que possuem reverberações da antiga cultura egípcia, foram escravizados e acabaram por influenciar a formação do Brasil. O vínculo entre culturas do Egito Antigo e da costa ocidental da África é muito antigo, porém ainda hoje pode ser evidenciado em línguas negro-africanas (como no iorubá e especialmente no wolof), nas concepções de mundo, na religiosidade, na arte e na cultura.

Se os ecos da Grécia Antiga são considerados na estruturação da sociedade ocidental, nada mais justo do que investigar as ressonâncias dos antigos egípcios nas culturas africanas. Assim como também é importante estudar a influência do Egito, sobre as civilizações vizinhas na antiguidade.

Ter conhecimento sobre a história, a cultura e a arte do continente africano é compreender também o desenvolvimento do homem, pois de acordo com estudos científicos atuais, a humanidade tem origem monogenética, ou seja, é na África que os primeiros Homo Sapiens surgiram.

Hoje, os estudos africanos não atendem apenas uma demanda exclusiva do movimento social negro, mas de toda sociedade, e tornam-se indispensáveis para o conhecimento do mundo na qual vivemos e dos mundos que nos precederam. Fruto do ativismo de educadores negros e seus aliados, a Lei nº 10.639/2003 coloca a sociedade inteira diante da obrigatoriedade de assumir o legado africano como uma precondição essencial para desenvolver o conhecimento. (NASCIMENTO, 2008, p.9)

A lei 10.639 determina obrigatório o ensino da Cultura e História Afro-brasileira e africana “nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, oficiais e particulares”. Para cumprir essa tarefa, os educadores precisam estar atualizados, portanto faz-se necessário que as universidades preparem os futuros professores. (PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA) Estudos e trabalhos acadêmicos sobre a temática proposta pela lei, proporcionam que tal conhecimento desenvolva-se. O material de apoio para professores-*Raízes Africanas do Egito*

Antigo: Uma Abordagem Interdisciplinar a Partir das Artes Visuais pretende colaborar para que a Lei 10.639² seja colocada em prática. Essa Lei vem de encontro ao que diversas pesquisas demonstram, que “as histórias e as culturas africana e afro-brasileira dizem respeito não apenas aos descendentes africanos, mas à humanidade como um todo e ao Brasil como nação”. (NASCIMENTO, 2008, p.9)

1.2 Experiências práticas: estágio, depoimentos e conversas

Durante a realização de meu estágio, constatei tanto através da experiência prática, como também em conversas com colegas, que as escolas continuam com abordagens eurocêntricas e em alguns casos, até mesmo obsoletas, a respeito das artes, histórias e culturas afro-brasileiras e africanas (que englobam vários períodos históricos, inclusive o Egito Antigo). Os obstáculos não são somente a pouca existência de materiais nos quais o professor de artes visuais pode basear-se, mas principalmente as perspectivas preconceituosas que permeiam as culturas negras, tanto na transmissão do conhecimento oral, quanto nos livros e materiais encontrados. Especialmente em relação ao Egito Antigo, a pesquisa para esse TCC não encontrou nenhum material específico de artes visuais, que abordasse o assunto sob o ponto de vista africano. Portanto, foi usado como guia principal, o segundo volume da história Geral da África, que trata do Egito sob a perspectiva africana.

Mesmo antes de determinar qual seria o norteador do conteúdo para a pesquisa da produção do material de apoio para professores, o trabalho tinha como objetivo ser criado a partir de uma abordagem interdisciplinar. Ocorreu a feliz confluência de tanto a linha de pesquisa, quanto a História Geral da África seguirem a metodologia interdisciplinar.

² Em 2008 a Lei 11.645 alterou a Lei 10.639, para incluir a cultura e história indígena, temática de extrema relevância. Porém o marco para as temáticas histórias e culturas afro-brasileiras e africanas ocorre em 2003, com a Lei 10.639. A Lei 11.645 reafirma a inclusão e obrigatoriedade no currículo da temática das culturas e histórias afro-brasileiras e africanas e agrega a temática indígena.

A pesquisa para a elaboração desse trabalho de conclusão de curso, levou em consideração as falas de várias pessoas negras, em sua grande maioria artistas, educadores, acadêmicos e lideranças de movimentos negros, atentos e envolvidos com a educação e a difusão da história, arte e culturas de matrizes africanas. Todos os relatos são unânimes em afirmar a falta de interesse de grande parte das escolas, em abordar as questões africanas e afro-brasileiras, além da discriminação a respeito. Às vezes também ocorre por parte de professores despreparados, na tentativa de incorporarem conteúdos referentes às culturas negras em suas aulas, a reprodução de visões estereotipadas e distorcidas.

Em conversa com Leandro Machado, artista visual, perguntei sobre como ele vê o ensino da arte de matrizes africanas no ensino fundamental e médio. Leandro expressou que percebe pouca abordagem nas escolas sobre a arte que é legitimada pela academia, portanto, se essa, já é muito pouco estudada, ele perguntou: “O que sobra para a arte afro-brasileira e africana?” Embora nos últimos anos, esteja ocorrendo uma alargamento das fronteiras da arte que é legitimada pelo circuito institucionalizado das artes visuais (que inclui curadores, museus, espaços culturais e círculos acadêmicos), no ensino brasileiro, sobretudo no fundamental e médio, ainda reverbera fortemente o eurocentrismo.

Outro relato nesse sentido é o de Priscila Nunes Correia (graduanda em História na UFRGS) em entrevista para o jornal da universidade, conta sua experiência no Museu Júlio de Castilhos, quando foi monitora. A estudante critica a forma de representatividade dos negros, onde sua presença surge quase que exclusivamente fazendo referência aos objetos de tortura da escravidão, com quase nenhuma representatividade em relação à cultura e história do RS.

Por conta disso, quando foi monitora das visitas no local, conversou com os coordenadores do Museu, contestando a sala onde são exibidos objetos utilizados para tortura. “A disposição desses instrumentos em um local mostra a cultura de um lugar e reflete os padrões da sociedade. Imagina para os adolescentes negros das escolas que visitam o Júlio de Castilhos. A adolescência já é marcada pelos piores momentos em relação à busca de identidade. Ao ver seus antepassados como escravos, como se eles não tivessem colaborado para a formação do povo, como se identificar como negro de forma orgulhosa?” critica. A discente discorda não somente da representação dos afrodescendentes, mas também da invisibilidade de suas contribuições para a cultura e formação histórica. A legislação que determina o ensino sobre os povos negros é obedecida em poucas escolas e, na universidade, raros professores têm formação específica.

A monografia de Priscila será sobre o tema. “Além do desconhecimento sobre as contribuições dos negros, alguns dão aula com o pensamento focado nos alunos de dez anos atrás. Eles dão exemplos fora da realidade para muitos de nós. Lembro-me de um que citou um castelo da Europa para as próximas férias, Já a minha bagagem não tem qualquer valor no contexto da universidade”. (KLEIN, 2015, C2)

Vera Rodrigues Rosane de Oliveira, servidora da UFRGS e militante dos movimentos negros há mais de três décadas, também traz informações importantes. Ela entrevistou uma estudante do curso de enfermagem enquanto realizava pesquisas para o mestrado.

A aluna solicitou a uma professora que explicasse os efeitos de certa doença na pele negra, e a docente respondeu que não sabia porque não existiam estudos a respeito. Então, como a gente não sabe considerando que 60% da população brasileira é negra? Como não se sabe lidar com a diversidade? (KLEIN, 2015, C4)

Retornando especificamente às questões das artes visuais, a produção deste TCC, é de certa forma uma resposta aos questionamentos feitos durante todo o curso de licenciatura: Como podem os professores de artes visuais terem novas perspectivas a respeito da arte afro-brasileira e africana, se eles também aprendem desde os primeiros passos na história da arte, que o Egito não possui origens africanas? Que essa civilização esteve mais fortemente vinculada ao Oriente Próximo do que à África?

Sempre haverá um olhar distorcido a respeito da arte afro-brasileira e africana se os educadores não revisarem seus conceitos a respeito da história da África Antiga, que inclui o Egito.

1.3 Descolonizar os currículos

Devido à grande contribuição dos africanos e de seus descendentes em diversas áreas do conhecimento e na história do Brasil, é muito importante que a África não seja abordada somente a partir do colonialismo e da escravização de seu povo, como se antes, o continente não tivesse história.

Embora esse TCC (no que se refere à produção do material de apoio para professores) não se ocupar do período colonial, em razão da história do continente africano ter sido omitida e distorcida devido a interesses econômicos

que implicaram na escravização de seu povo, é importante perceber as repercussões do colonialismo nos currículos. A maneira como muitas vezes esse período continua sendo abordado nas escolas, como por exemplo, visões preconceituosas e deturpadas dos africanos que foram escravizados e trazidos para as Américas, como se fossem indivíduos primitivos e desprovidos de tecnologias, são ecos do sistema escravocrata.

Portanto, a descolonização do currículo implica conflito, confronto, negociações e produz algo novo. Ela se insere em outros processos de descolonização maiores e mais profundos, ou seja, do poder e do saber. Estamos diante de confrontos entre distintas experiências históricas, econômicas e visões de mundo. Nesse processo, a superação da perspectiva eurocêntrica de conhecimento e do mundo torna-se um desafio para a escola, os educadores e as educadoras, o currículo e a formação docente. (GOMES, 2012, p. 107)

É importante compreender que as tentativas de anulação das culturas de matrizes africana foram sofisticando-se durante a escravidão, pois a dominação mais perversa e usurpadora é quando ocorre o convencimento do próprio dominado de que sua cultura, hábitos e modos de vida são inferiores, e esse sempre foi um dos maiores objetivos do empreendimento racista.

Porém, mesmo diante dos mais variados tipos de torturas físicas e psíquicas, investidas pelos senhores de escravos e pela rede de comércio que se beneficiou da escravidão (e posteriormente pelas elites dominantes), através de profunda resistência, as culturas negras foram perpetuadas e transmitidas de geração em geração até a atualidade, deixando não somente para seus descendentes diretos, mas para toda a humanidade uma gama de conhecimentos em diversas áreas.

Tem toda razão o autor da frase, “tudo é história”, pois tudo tem uma história. Visto deste ponto de vista, a identidade negra não surge da tomada de consciência de uma diferença de pigmentação ou de uma diferença biológica entre populações negras e brancas e/ou negras e amarelas. Ela resulta de um longo processo histórico que começa com o descobrimento no século XV do continente africano e de seus habitantes pelos navegadores portugueses, descobrimento esse que abriu o caminho às relações mercantilistas com a África, ao tráfico negreiro, à escravidão e enfim à colonização do continente africano e de seus povos. (MUNANGA, s.d. p.1)

O Brasil, assim como diversos países das Américas foi estruturado com base na escravidão africana, e essa história precisa ser revista. Os estudos sobre o período da escravização dos povos africanos são de suma importância, porém

devem ser abordados sob novas perspectivas, entre elas, com o intuito de que algo semelhante nunca mais se repita, e para que as futuras gerações tenham uma nova consciência e entendimento das origens do racismo, pois é justamente ele, um dos grandes responsáveis pela perpetuação de abordagens distorcidas da história. Porém o estudo da África não pode ficar restrito ao período colonial, pois a história africana e seu legado para o mundo é imensamente maior que esse período.

Nos estudos históricos, considera-se a civilização humana um atributo quase exclusivo do Ocidente. Até pouco tempo, a ideia de que o ser humano original fosse negro e africano soava entre ridícula e absurda. Ao longo de séculos, a ciência ocidental construiu uma série de teses que supostamente comprovavam que os africanos eram criaturas inferiores e incapazes de criar civilizações. Pesquisas mais recentes vêm confirmando não apenas que a humanidade nasceu na África, como também que os negros africanos estão entre os primeiros a construir civilizações humanas e erigiram as bases da própria civilização ocidental. (NASCIMENTO, 2008, p.55)

É um dever da educação esclarecer que a história e as culturas africanas são muito anteriores ao período colonial, e que existem diversas teses e estudos científicos sobre o Egito não ter sido alicerçado em conceitos estrangeiros, e portanto, ao pertencimento dessa civilização aos estudos da África.

1.4 O Egito Antigo e a Civilização Ocidental

Durante séculos, a Europa fundamentou “a ética da escravidão na hipótese da inferioridade congênita dos africanos”. (NASCIMENTO, 2008, p. 65) Portanto, para manter o sistema colonial e escravocrata, era importante omitir as riquezas tanto materiais quanto culturais das civilizações africanas.

Como herança do colonialismo, o Egito ainda hoje, por vezes é abordado no currículo dentro dos chamados Estudos Orientais ou do Oriente Próximo. Alguns podem alegar que essa terminologia baseia-se no fato de que o império egípcio estava situado na porção oriental do continente (e em determinados períodos estendeu-se até a Ásia), porém, associado à terminologia Oriente Próximo, estão imbricadas uma série de teorias, que tentam tirar o crédito de

muitos conhecimentos originados no Egito. Entre essas teorias, está a alegação de que a escrita teria sido baseada nos vizinhos da Mesopotâmia. Porém a tese de que a escrita egípcia é africana é consistente, pois não existem vestígios de elementos emprestados do Oriente Próximo, e os hieróglifos baseiam-se todos na Flora e na Fauna do Nilo.

O segundo volume da História Geral da África, não nega as trocas culturais do Egito com seus vizinhos, mas é categórico em afirmar as raízes africanas do Egito, e seu legado para a humanidade, sobretudo suas repercussões na Grécia, enfoque que comumente não é comentado no ensino da história.

Embora o Egito estivesse aberto às correntes culturais vindas sobretudo do Oriente, este volume mostra que, em grande medida, a civilização repousa em bases africanas; mostra igualmente que o Egito, que é uma parte da África, foi outrora o principal centro da civilização universal, de onde se irradiaram a ciência, a arte e a literatura, influenciando principalmente a Grécia. Nos domínios da matemática (geometria, aritmética, etc.), da astronomia e da medição do tempo (calendários, etc.), da medicina, da arquitetura, da música e da literatura (narrativa, lírica, dramática, etc.), a Grécia recebeu, desenvolveu e transmitiu ao Ocidente boa parte da herança egípcia – do Egito faraônico e ptolomaico. Por intermédio da Grécia, a civilização do antigo Egito entrou em contato não apenas com a Europa, mas também com a África do Norte e mesmo com o subcontinente indiano. (HISTÓRIA GERAL DA ÁFRICA, 2010, p. 858, apud SHIRMER, 2018, p. 53-54)

Mesmo que esse TCC não tenha o foco central sobre a discussão da origem racial da civilização do Egito Antigo, é importante tocar no assunto, pois a revisão sobre a antropologia física dos primeiros egípcios, é um direito não somente das reivindicações dos historiadores negros e movimentos sociais, mas também de toda a humanidade.

A teoria de que o Egito foi formado por uma população majoritariamente branca parece frágil, tanto que chega a afirmações estranhas, de que os antigos egípcios seriam um povo branco de pele negra³. Embora não se tenha um consenso científico sobre o conceito de raça, o entendimento atual sobre raça negra, é em geral de que a cor da pele é um dos principais fatores determinantes, do contrário não veríamos certos ícones mundiais da atualidade, como Beyoncé e

³ Na página 21, do material de apoio para professores produzido nesse TCC, encontram-se citações a respeito das teorias sobre a antropologia física dos antigos egípcios; apresentadas em Simpósio no Cairo em 1974.

Lewis Hamilton enquanto negros, poderíamos dizer que são brancos de pele escura, alegação no mínimo excêntrica nos dias de hoje. Esse parágrafo não tem por objetivo afirmar que os habitantes do império egípcio eram negros, mas observa que parece haver uma ansiedade em tentar negar qualquer hipótese de que a população do Egito Antigo tenha origem negra, ou mesmo que uma parcela significativa dos egípcios era negra. Essa ansiedade em tentar negar qualquer vínculo da civilização egípcia com raízes negro-africanas parece estar associada a resquícios coloniais, à ideia da inferioridade dos negros. Até porque a tese de que a civilização egípcia tem raízes negro-africanas nada tem de absurda.

No que se refere às heranças egípcias deixadas para outros povos, os grandes museus, como por exemplo, o Metropolitan, demonstram que os povos vizinhos foram influenciados pela cultura e arte do Egito, é possível observar essa influência nas imagens a seguir:



Selo de escaravelho (Osíris ladeado por divindades protetoras flanqueiam o deus egípcio); Jaspe verde; 1.87 x 1.39 cm, face do selo 1.02 cm (altura); c. 6º a 5º século a.C.; Levante ou Síria. Fonte THE METROPOLITAN MUSEUM OF ART

“Por volta do início do primeiro milênio a.C., artesãos de carimbos fenícios adotaram o uso do escaravelho, um símbolo egípcio de regeneração”. (THE METROPOLITAN MUSEUM OF ART, tradução da autora)



Essa figura é uma das primeiras estátuas de mármore da Ática, região em torno de Atenas. É um tipo de escultura conhecida como kouros, jovem do sexo masculino representado nu.

A pose do kouros, com a perna esquerda que avança a passos largos e mãos crispadas ao lado, deriva da arte egípcia.

Os gregos aprenderam com as técnicas escultóricas do Egito, principalmente a planejar e executar em grande escala.

Os egípcios esculpiram durante milênios pedras muito duras em dimensões monumentais.

Estátua Kouros; mármore; 194,6 x 51,6 x 63,2 cm; c. 590–580 a.C. (período arcaico); Ática, Grécia; Fonte: THE METROPOLITAN MUSEUM OF ART)

2. Linha de pesquisa

O trabalho *Raízes Africanas do Egito Antigo: Uma Abordagem Interdisciplinar a Partir das Artes Visuais*, segue a linha de pesquisa afrocêntrica, que aborda o conhecimento a partir da visão africana e afrodescendente, tendo o negro como protagonista. A afrocentricidade, não tem a pretensão de contar a história da humanidade sob seu exclusivo ponto de vista, ela propõe a convivência pacífica com as visões de outras culturas, para que cada uma delas possa expor suas perspectivas, visando o respeito mútuo, a convivência pacífica e o intercâmbio. Tampouco, a afrocentricidade exclui pesquisadores de outras origens raciais que dediquem-se aos estudos negros, desde que suas pesquisas partam de perspectivas afrocêntrica. Lucius Outlaw quando fala sobre a filosofia africana, uma das áreas de estudos afrocentrados, diz que ela:

[...] incluirá também o trabalho das pessoas que não são africanas, nem tem ascendência africana, mas reconhecem a legitimidade, a importância das questões e dos esforços que constituem as atividades disciplinares da filosofia Africana [...] e contribuem com eles [...] (1997, apud RABAKA, 2009 p.143)

2.1 Breve histórico sobre os Estudos Africana e Afrocentricidade

Apesar da denominação afrocentricidade começar a ser usada na década de 80, proposta teórica organizada pelo professor Molefi Kete Asante, também diretor e idealizador do primeiro programa de Estudos *Africana*, criado na Universidade Temple, na Filadélfia, a abordagem afrocentrada enquanto linha de pesquisa, vem sendo utilizada desde o século XIX. A afrocentricidade tem profundas relações com o pan-africanismo, que por sua vez é influenciado pela matriz da filosofia religiosa e pelas tradições ancestrais.

O termo *Africana* aqui não significa o feminino de “africano”. Deriva do plural em latim, refere-se a tudo aquilo que diz respeito ao conjunto formado pela África e sua diáspora. O uso da forma

plural em latim *Africana*, indica dois aspectos de polivalência: refere-se aos povos afrodescendentes em todo o mundo e à metodologia multidisciplinar, interdisciplinar e transdisciplinar dos estudos nesse campo. [...] A pluralidade do conceito se reflete também na acepção da palavra “africano”, que se refere aos afrodescendentes e a seu legado cultural no continente e na diáspora em qualquer parte do mundo.(NASCIMENTO, 2009, p. 33)

“A tradição de pensamento afrocentrado desenvolvida no contexto intelectual do ocidente consiste, com efeito, num ato de resistência”, (FINCH III e NASCIMENTO, 2009, p. 38) e se articula no intercâmbio entre o continente africano e a diáspora.

Uma resistência evidenciada desde a vinda dos primeiros africanos para as Américas, através das diversas insurreições e formações de quilombos. Charles Finch III e Elisa Larkin Nascimento tomam como ponto de partida simbólico para a tradição do pensamento afrocentrado, a cerimônia de *voudou*, que ocorreu em 14 de Agosto de 1791, em Bwa Kayiman, no Haiti, onde estavam presentes 200 pessoas. O evento acabou por desembocar na insurreição de cinquenta mil indivíduos, resultando logo a seguir numa revolta generalizada em toda a ilha. Esse fato é tomado como referência pelos autores mencionados acima porque “exemplifica a presença da matriz africana de filosofia religiosa inspirando a luta contra a dominação colonial eurocentrista”. (Finch III e NASCIMENTO, 2009, p.38).

O pensamento afrocentrado tem como um de seus objetivos trazer a público a história africana e de seus descendentes, que durante séculos foi omitida.

Assim como é exposto pelo museu Afro Brasil importantes artistas negros do século XIX, a afrocentricidade nos revela diversos intelectuais negros e suas produções a partir do século XVIII negadas e ocultadas “por um Ocidente que se autodenominou o único dono da ciência”. (Finch III e NASCIMENTO, 2009, p.42). São diversas vozes negras que foram sendo resgatadas do desconhecimento, entre elas, no Brasil estão a escritora, educadora e compositora Maria Firmina dos Reis⁴, nascida em 1825 no Maranhão e a escrava Esperança Garcia do Piauí⁵.

⁴ Maria Firmina nasceu no Maranhão em 1825, participou ativamente da vida intelectual maranhense. “Além de escrever poesia, ficção e crônicas, fundou a primeira escola mista e gratuita do Estado e compôs um hino para a abolição da escravatura”. (NASCIMENTO, 2009, p. 43)

A urgência da abolição da escravatura no século XIX ocupava a intelectualidade negra, e o pensamento pan-africano começava a insinuar-se, principalmente no Caribe e nos Estados Unidos. Os pan-africanistas estão entre os mais importantes articuladores do pensamento afrocentrado do século XIX.

A primeira Conferência Pan-Africana, ocorre no início do século XX, e até a década de 1930 acontecem mais três, nas quais W. E. Du Bois⁶ teve enorme importância. Após o fim da segunda guerra mundial novas Conferências Pan-Africanas foram organizadas e na década de 1960, quando iniciou-se o processo de independência das colônias, os africanos sentiram a necessidade de contar sua própria história, que até então era narrada somente a partir de uma versão eurocêntrica, como se o continente africano tivesse começado a existir com a ocupação europeia. É nesse ambiente pan-africanista que em 1965 começou o projeto para a elaboração dos oito volumes da História Geral da África, tendo sua primeira edição em 1981.

No Brasil do século XX, diversos movimentos negros começam a agitar-se. Nesse contexto, não pode deixar de ser citada a figura ilustre de Abdias do Nascimento, que em 1944 fundou o Teatro Experimental do Negro, com o objetivo de trabalhar pela valorização social do negro através da cultura. Até o fim da vida, Abdias teve intensas contribuições na luta contra o racismo, tendo inclusive participado do sexto Congresso Pan-Africano, em Dar-es-Salaam na Tanzânia, como representante da América Latina. Outros dois momentos importantes no cenário brasileiro são o surgimento do Movimento Negro Unificado em 1978, espaço de debates sobre a discriminação racial no Brasil e a Fundação da

⁵ Encontrada no Arquivo Público do Piauí, a carta escrita por Esperança Garcia, é dirigida diretamente ao Governador da Capitania do Piauí, apresentando suas reclamações sobre o administrador das fazendas reais. A carta escrita de próprio punho por uma escrava, é um documento de grande valor histórico, além de ser escrita por uma mulher escrava alfabetizada, demonstra a resistência negra, fazendo desmoronar o falso mito da convivência pacífica na escravidão ou da “democracia racial”.

⁶ William Edward Burghardt Du Bois está entre os autores do início do século XX que reexaminaram a história dos povos de descendência africana (sob a ótica de protagonistas), entre esses estudiosos existem muitos autodidatas, Du Bois foi academicamente o mais proeminente, era sociólogo, historiador, ativista, autor e editor. O estudioso formou-se em uma instituição de ensino superior negra, a Universidade de Fisk, realizou seu doutorado em sociologia em Harvard e PHD em história e ciências sociais na Universidade de Heidelberg na Alemanha. Foi um grande expoente do pan-africanismo, escreveu diversas obras que influenciaram gerações de intelectuais afrocentrados.

UNEGRO do Brasil em 1988, para articular a luta contra o racismo e combater as desigualdades de gênero.

Paralelamente, nos Estados Unidos dos anos 1960, surgem nos campos universitários, os programas de estudo Black Studies, Afro-American Studies e *Africana Studies*, com o intuito de diferenciar suas propostas dos estudos africanos, “até então dominados por estudiosos brancos que frequentemente difundiam teses derivadas do discurso colonialista acerca dos povos africanos”. (FINCH III, 2009, p. 60). Nesse período, ocorre por iniciativa de pesquisadores da história africana, a criação da AHSA (Associação dos Estudos da Herança Africana) a partir do rompimento com a ASA (Associação de Estudos Africanos). A referência à herança é fundamental na AHSA, porque os estudos africanos até então, abordavam a África como se ela começasse a existir em função da colonização europeia, como se antes disso não possuísse conhecimentos e culturas milenares.

A perspectiva afrocêntrica e os Estudos *Africana* norteiam a produção desse Trabalho de Conclusão de Curso.

O texto da apresentação do material de apoio para professores, produzido nesse TCC, ainda que não utilize a terminologia estudos *Africana* e afrocentricidade, deixa claro a forma através da qual os assuntos são abordados, e não oferece dúvidas sobre a necessidade de tal perspectiva:

Para a compreensão da arte e da cultura, ou qualquer outra área do conhecimento relativa ao Egito e suas raízes africanas, é necessário desfazer-se do ponto de vista eurocêntrico. O conteúdo desse material, é baseado em pesquisas que partem da perspectiva africana. (SCHIRMER, 2018, p. 3, no prelo)

Ponto fundamental para todos os estudos afrocêntricos é a teoria crítica africana. Todas as áreas do conhecimento abordadas sobre a perspectiva afrocêntrica são interdisciplinares, mas a teoria crítica africana “atravessa e transgride” ainda mais “as fronteiras entre as disciplinas tradicionais, acentuando as interconexões e interseções entre, filosofia, história, política, economia, artes, psicologia e sociologia” (RABAKA, 2009 p. 143), pois ela está presente em todas as disciplinas. Não é possível uma abordagem afrocêntrica sobre qualquer assunto, sem a teoria crítica africana estar presente. Segundo Reiland Rabaka a teoria crítica africana pode ser considerada um produto da filosofia africana, mas

enquanto a filosofia africana elabora o pensamento e teorização sobre a tradição, a teoria crítica africana tem a função de relacionar esse pensamento radical à prática social. Para estudar qualquer área do conhecimento a partir da perspectiva africana, é indispensável estar conectado com as raízes (com o pensamento radical), mas é necessário ir além, é preciso desenvolver o senso crítico, portanto a afrocentricidade, assim como o ocidente, também possui uma teoria crítica, porém baseada em outra tradição.

A terminologia afrocentricidade, significa que os estudos a respeito das questões africanas e afrodescendentes devem partir de seu centro, ou seja, serem vistos e estudados de dentro, um direito legítimo já que outras culturas também contam suas próprias perspectivas.

2.2 Escolha da linha de pesquisa afrocêntrica

Os motivos da escolha da abordagem afrocêntrica, deram-se pela constatação de que outros métodos de estudo, não promovem o entendimento do tema proposto, e também pelo fato de que a coleção História Geral da África, disponibilizada pela Unesco e Ministério da Educação do Brasil, uma das referências norteadoras desse trabalho de conclusão de curso, já no primeiro parágrafo do texto de apresentação, deixa clara o sua perspectiva: “Outra exigência imperativa é de que a história (e a cultura) da África devem pelo menos ser vistas de dentro, não sendo medidas por réguas de valores estranhos...” (HISTÓRIA GERAL DA ÁFRICA, 2010, p. VII) Dada a importância nessa coleção, de que a história da África seja vista de dentro, é interessante destacar que as palavras da citação acima, são as primeiras palavras de todos os oito volumes da História Geral da África, contidas no texto de apresentação.

Na Introdução Geral do volume I, Metodologia e pré-história da África, a necessidade da história africana ser estudada a partir da perspectiva interna, é discutida com mais profundidade:

Outra exigência imperativa é que essa história seja enfim vista do interior, a partir do pólo africano, e não medida permanentemente por

padrões de valores estrangeiros; a consciência de si mesmo e o direito à diferença são pré-requisitos indispensáveis à constituição de uma personalidade coletiva autônoma. Certamente, a opção e a ótica de auto-exame não consistem em abolir artificialmente as conexões históricas da África com os outros continentes do Velho e do Novo Mundo. Mas tais conexões serão analisadas em termos de intercâmbios recíprocos e de influências multilaterais, nas quais as contribuições positivas da África para o desenvolvimento da humanidade não deixarão de aparecer. A atitude histórica africana não será então uma atitude vingativa nem de auto-satisfação, mas um exercício vital da memória coletiva que varre o campo do passado para reconhecer suas próprias raízes. Após tantas visões exteriores que têm modelado a marca registrada da África a partir de interesses externos (até nos filmes contemporâneos), é tempo de resgatar a visão interior de identidade, de autenticidade, de conscientização: 'volta repatriadora', como diz Jacques Berque para designar esse retorno às raízes. (HISTÓRIA GERAL DA ÁFRICA I, 2010, I p. LII-LIII)

Um ponto importante a ser comentado quanto a linha de pesquisa, é o fato de autores presentes nas referências bibliográficas da coleção História Geral da África, como por exemplo Théophile Obenga, John Richard Harris, W. E. B. Du Bois e Cheikh Anta DIOP, serem citados e suas propostas analisadas em outras fontes também utilizadas nesse TCC. Essa situação ocorreu sem prévia estratégia, demonstrando que as referências bibliográficas em que está apoiado esse trabalho de conclusão de curso dialogam, podendo serem destacadas as relações estreitas de fundamentações teóricas e metodológicas entre os livros Afrocentricidade, A Matriz Africana no Mundo e a História Geral da África, e aos textos de Kabengele Munanga, Nilma Gomes e Anderson Oliva. Esse último comentário dá-se pelo fato de que os livros lançados pelo Instituto IPEAFRO, (Afrocentricidade e A Matriz Africana no Mundo), serem desconhecidos por grande parte da comunidade acadêmica, porém estão intrinsecamente ligados às perspectivas metodológicas e teóricas da História Geral da África, coleção citada por professores da UFRGS como um importante referencial, e inclusive comentada por Nilma Lino Gomes como um avanço na lacuna do campo da história e da educação. (GOMES, 2012, audiovisual)

3. Apresentando o Material de Apoio para Professores

O material de apoio para professores, foi elaborado para que possa ser um mediador para os primeiros contatos com a africanidade do Egito através da arte. O formato permite o acesso em PDF e caso houver interesse, também possibilita a impressão. Pensando na possibilidade da impressão física, o tamanho de folhas A4 pareceu a forma mais acessível, pois permite até mesmo uma reprodução caseira. E caso o professor queira, poderá usar as imagens em sala de aula, através de projeções, impressões ou meio digital.

As imagens disponíveis, são em sua maioria, no tamanho de uma página inteira ou metade, a opção por tamanhos razoavelmente grandes, deu-se por algumas imagens apresentarem um grande número de informações, e também pela riqueza estética dos trabalhos, e embora seja um material interdisciplinar, ele é desenvolvido a partir das artes visuais, portanto é interessante que as imagens possam ter um tamanho que permitam uma observação mais detalhada, e a reflexão estética.

O uso de um número considerável de citações foi utilizado propositalmente, pois devido à história do Egito ter sido contata durante muito tempo através de perspectivas eurocêntricas, é uma forma de dar mais segurança ao professor de que existem referenciais sérios a respeito da africanidade do Egito. A linguagem é acessível, pois caso o professor julgue interessante poderá usar algumas partes do texto em sala de aula com os alunos, a partir dos quais poderá propor discussões, que manifestem o entendimento da turma a respeito do assunto, seus pontos de vista, divergências e concordâncias.

3.1 Arte na Idade da Pedra e a Arte Rupestre - Capítulo 1

Constatando que até o presente momento, é muito comum a arte pré-histórica ser abordada com exemplos centrados na Europa, que muito pouco fala-

se sobre a arte da pré-história do continente africano, e que a arte desse período tem repercussões e ligações com a arte egípcia, o presente trabalho julga de grande relevância abordar o tema. Considerar a arte pré-histórica do continente e não somente do Egito, é coerente com a metodologia do principal referencial desse TCC, a coleção História Geral da África, que tem como um de seus objetivos abordar a África “como uma entidade histórica”. (História Geral da África v.II p. XXI-XXII) Além dessas questões, é importante entender que o império egípcio começa a organizar-se na pré-história, o material de apoio para professores, traz exemplos da arte africana e egípcia desse período.

O assunto central do material de apoio para professores são as raízes africanas do Egito Antigo, tendo como ponto de partida a arte. Para compreender as produções egípcias a partir da perspectiva africana, uma das ferramentas utilizadas, foram os diversos estudos interdisciplinares comparando outras sociedades africanas, através das línguas, religiosidades, modos de pensar e concepções de mundo. Na arte rupestre africana⁷, assim como do Egito antigo e em várias regiões da África existe uma constante que é abordada no material de apoio.

Os seres míticos que incluem figuras antropomórficas, muitas vezes com partes humanas e partes de animais, são manifestações comuns tanto na arte rupestre do Egito como em outras várias regiões da África. Como exemplo, a página anterior mostra figuras com corpos humanos e cabeças de antílopes nas montanhas de Drakensberg, na África do Sul. Seres híbridos também são representados no império egípcio, um grande número de deuses são compostos de partes humanas e de animais. Nas comunidades tradicionais africanas, ainda hoje a presença dos seres híbridos é uma constante, continua-se usando adereços como máscaras com formas animais, que cumprem funções rituais. A relação com a natureza foi e continua sendo nas tradições africanas fundamental para o homem. Formas de animais utilizadas em esculturas, ou mesmo parte de animais como chifres, são símbolos da conexão do homem com a natureza, são sinônimos de vitalidade, fertilidade e prosperidade. (SCHIRMER, 2018, p. 15, no prelo)

Pode-se perceber que a arte do império egípcio continuou representando seres míticos que surgiram na pré-história (as vezes formados de partes de vários animais diferentes, as vezes com formas humanas e animais).

⁷ No material de apoio, na página 7, constam explicações sobre a datação da arte rupestre, que atravessa períodos de tempo muito grandes. Assim como existe a arte rupestre pré-histórica, encontra-se arte rupestre recente.

Embora o capítulo sobre a pré-história e arte rupestre apresente apenas pinceladas do vasto universo da temática, é importante sua abordagem no material de apoio, pois além da possibilidade de despertar o interesse sobre o assunto, indica o site do AFRICAN ROCK ART IMAGE PROJECT como uma importante fonte de pesquisa.

3.2 Os Primeiros Egípcios - Capítulo 2

O segundo capítulo do material de apoio para professores, aborda a necessidade do Egito ser estudado enquanto parte da História Antiga da África, opondo-se à perspectiva de que seria herdeiro cultural dos povos da Mesopotâmia.

Logo após, apresenta a teoria sobre a origem negra dos primeiros egípcios, sem negar, que o Egito antigo teve intenso intercâmbio com seus vizinhos do oriente e do mediterrâneo, portanto, dentro desse contexto, é provável que tenha sido habitado também por pessoas de várias origens raciais.

O subcapítulo expõe as duas teorias opostas a respeito da antropologia física dos antigos egípcios, apresentadas no Simpósio realizado no Cairo em 1974. O presente trabalho entende como uma necessidade expor, ainda que de forma muito sucinta alguns fatos desse simpósio. Não houve consenso entre os participantes a respeito da raça dos antigos egípcios, porém consta na conclusão geral do relatório, que as comunicações de Diop, que defendem a origem negra do Egito, foram superiores aos opositores de sua perspectiva. O material de apoio deste TCC cita o início da conclusão geral do Simpósio internacional, *O povoamento do Egito e a escrita meroíta* (1975, Cairo).

Embora o texto preparatório enviado pela Unesco especificasse o que se esperava do Simpósio, nem todos os participantes prepararam comunicações comparáveis às contribuições, minuciosamente pesquisadas, dos professores Cheikh Anta Diop e Obenga. Em consequência, houve um verdadeiro desequilíbrio nas discussões. No entanto, por uma série de razões, as discussões foram muito construtivas. (HISTÓRIA GERAL DA ÁFRICA II, p. 848, apud SCHIRMER, 2018, p. 21, no prelo)

Entre as contribuições de Cheikh Anta Diop, está a pesquisa sobre a antropologia física dos primeiros egípcios, que segundo ele, desde o início do Neolítico até o final das dinastias nativas, o Egito foi povoado por povos negro-africanos.

O capítulo “Os Primeiros Egípcios” do material de apoio para professores, pretende deixar esclarecido que “diferentemente daquilo que no passado foi sustentado como verdade absoluta, que a civilização egípcia era composta de um povo totalmente branco (constituído principalmente de indivíduos do oriente próximo e mediterrâneos), as pesquisas demonstram que também havia a forte presença negra.”. (SCHIRMER, 2018, p. 18-19, no prelo)

As raízes africanas do Egito antigo vão muito além da antropologia física dos seus habitantes, porém este TCC entende como necessário revelar os estudos e investigações que existem a respeito da origem negra dos antigos egípcios, pois no imaginário coletivo, durante muito tempo fixou-se a ideia de um Egito totalmente branco. E se existe mais de uma perspectiva a respeito da raça do povo egípcio, é dever do professor abordá-las. Em consonância com o compromisso de ser apresentada em sala de aula, a tese de que os egípcios tem uma origem negro-africana (e via de regra essa questão não é abordada na educação e nem mesmo a africanidade do Egito é citada), Anderson Ribeiro Oliva, professor de história da África da Universidade de Brasília, realizou uma análise de três livros didáticos de história destinados ao ensino médio, aprovados no PNLD (Programa Nacional do Livro Didático) de 2018.

Como demonstrei ao longo do ensaio, nenhum dos autores dos livros didáticos aqui analisados explicitou, em suas narrativas, a classificação do Egito como uma civilização africana ou negro-africana. Podemos classificar seus olhares sobre o assunto como tangenciais e silenciosos. Não discutiram as teses de que o Egito Antigo teria sido uma civilização africana. Não noticiaram que um conjunto significativo de autores africanos e afrocêntricos defendem a possibilidade de que seu eixo populacional teria tido um fundo negro-africano. E, por fim, negligenciaram as referências de historiadores africanos sobre suas próprias histórias. Essas posturas são, em minha opinião, atos de aliança com as teses eurocêntricas. Torna-se evidente qual é a localização epistemológica dos autores, que de certa forma repercute o lugar epistêmico dos estudos africanos em nossa academia e no próprio ensino de História. (OLIVA, 2018, p.60)

A partir do entendimento de que os questionamentos sobre a antropologia física dos antigos egípcios não pode ser silenciada, e por isso a educação precisa abordar as pesquisas de historiadores africanos e inclusive de estudiosos de outras origens, que aceitam que investigação por meio de recursos científicos, é que o material didático traz o capítulo “Os Primeiros Egípcios”.

3.3 Dados Culturais - Capítulo 3

Entre as evidências mais contundentes sobre as origens africanas do Egito Antigo está a escrita, no material de apoio para professores, a citação abaixo explica um dos porquês.

Finalmente, talvez o mais importante seja o fato de que os antigos signos hieroglíficos foram todos tomados da fauna e da flora do Nilo, provando, assim, que a escrita é de origem puramente africana. Se admitirmos que houve influência externa no advento da escrita egípcia, tal influência pode ter sido, no máximo, da ideia de escrever, o que é pouco provável se levarmos em conta que a escrita tomou forma muito cedo no Egito, no IV milênio antes da Era Cristã.. (HISTÓRIA GERAL DA ÁFRICA II, p. LIV-LV, apud SCHIRMER, 2018, p. 25, no prelo)

O terceiro capítulo do material produzido neste TCC, através de seus subcapítulos, Escrita, Migrações, Afinidade Linguística e Ideias Religiosas, aborda as estreitas relações do Egito Antigo com outras civilizações africanas. Como comenta J. Olumide Lucas, sobre as correspondências entre a religião dos iorubás e dos antigos egípcios, de que “eram muitas para que se pudesse explicá-las pela evolução convergente”, o mesmo ocorre com um número considerável de línguas negro-africanas, especialmente no wolof. (FINCH III, 2009, p. 88)

No que se refere à religiosidade, na página 31 do material de apoio para professores, existem dois parágrafos que reúnem de forma muito sintética (questões que logo a seguir serão desenvolvidas com mais profundidade), que demonstram as afinidades de natureza não somente teológica, mas filosófica que acabam por repercutir em concepções de mundo.

As concepções a respeito da ancestralidade, a visão cíclica do tempo e a ideia sobre a materialidade como lugar de união e não de separação entre corpo e espírito, existiram no antigo Egito, assim como em diversas culturas africanas, e ainda existem nas comunidades tradicionais africanas, esses conceitos estão impregnados em muitas obras artísticas. O culto dos deuses e dos mortos foram pra os antigos egípcios, assim como para os iorubás e outras culturas africanas, os pilares das manifestações religiosas, e ainda continuam sendo para os grupos que preservaram suas tradições. (SCHIRMER, 2018, p. 29, no prelo)

Essas concepções acabam por serem expressadas nas produções artísticas. A arte do Egito Antigo, assim como em diversas outras culturas africanas, cumpre várias funções, entre elas ritualísticas: na produção dos totens, objetos rituais, no culto dos deuses e dos mortos (seja em obras de pequenos formatos até na construção dos templos onde arte e arquitetura se completam).

3.4 Representações dos Faraós - Capítulo 4

Esse capítulo apresenta obras que retratam alguns faraós, do Período Arcaico até o Novo Império. É uma breve amostra das representações dos governantes egípcios, oportunidade para também relatar alguns acontecimentos e informações relevantes: a sujeição do Baixo Egito pelo soberano do Alto Egito (Narmer unificando o império egípcio), os grandes templos construídos e dedicados ao deus-sol na V dinastia, o reinado próspero e pacífico de Hatshepsut (entre as quatro faraós mulheres a mais conhecida) e o polêmico governo de Aquenáton (promovendo mudanças radicais na administração do Egito, entre elas: políticas, religiosas e artísticas).

Os acontecimentos históricos (sejam políticos, sociais ou religiosos), repercutem na arte de qualquer sociedade; o quarto capítulo do material de apoio para professores produzido neste TCC, demonstra essa realidade.

3.5 Relações com a Núbia - Capítulo 5

O quinto capítulo expõe as relações da Núbia com o Egito, território de extrema importância, tanto como fornecedor direto de suprimentos e mão de obra, assim como um elo e “intercâmbio entre as antigas civilizações do Mediterrâneo, e a África (do sul, do leste e do oeste).” (SCHIRMER, 2018, p. 49, no prelo)

Para melhor entendimento da localização das terras núbias, o capítulo contém um mapa, mostrando que seus domínios estenderam-se da primeira até a sexta catarata do Nilo.

Também é apresentado neste capítulo, o sítio arqueológico de Meroé, uma das capitais da Núbia, situada no atual Sudão, às margens do Nilo. Também é exposto um mapa localizando Meroé e imagens da arquitetura que demonstram intercâmbio de ideias entre diversas civilizações, do Mediterrâneo, do Oriente Médio e da África Subsaariana.

Considerações Finais

Muitos avanços sobre as origens africanas do Egito Antigo ainda precisam ser realizados, mas não se pode ignorar os inúmeros estudos a respeito dessa abordagem, e os currículos e professores não podem simplesmente silenciar-se a respeito. O assunto gera conflitos, mas crises e inclusive discussões, desde que respeitadas, proporcionam crescimento.

São muitas as alegações para a não investigação da africanidade do Egito Antigo, principalmente a origem racial dessa civilização. Uma entre tantas, é de que esse estudo acirraria disputas entre origens raciais. Mas ao contrário, o olhar sobre a negritude relacionada à arte, à cultura, à história e de tantas outras áreas do conhecimento, e à revisão das abordagens que são utilizadas no ensino, vem de encontro à busca de uma sociedade mais igualitária, e a educação tem papel fundamental nesse contexto, e é um dos mais importantes alicerces.

Anderson Ribeiro Oliva expõe suas opiniões sobre as narrativas de livros didáticos que abordam o Egito Antigo:

Como demostrei ao longo do ensaio, nenhum dos autores dos livros didáticos aqui analisados explicitou em suas narrativas, a classificação do Egito como uma civilização africana ou negro-africana. Podemos classificar seus olhares sobre o assunto como tangenciais e silenciosos. Não discutiram as teses de que o Egito Antigo teria sido uma civilização africana. Não noticiaram que um conjunto significativo de autores africanos e afrocêntricos defendem a possibilidade de que seu eixo populacional teria tido um fundo negro-africano. E, por fim, negligenciaram as referências de historiadores africanos sobre suas próprias histórias. Essas posturas são, em minha opinião, atos de aliança com as teses eurocêntricas. Torna-se evidente qual é a localização epistemológica dos autores, que de certa forma repercute o lugar epistêmico dos estudos africanos em nossa academia e no próprio ensino de História. (OLIVA, 2018, p. 60)

Vivemos em um país que se desenvolveu sobre bases escravocratas, que tem mais de 50% da população negra, portanto é mais do que necessário a revisão de diversos conceitos e perspectivas no ensino brasileiro, e para o entendimento do presente é preciso conhecermos o passado.

Portanto, com este trabalho, espero poder ter contribuído para um ensino mais ético, que reveja conceitos e atualize-se, e que o Egito Antigo possa ser visto como uma civilização africana.

BIBLIOGRAFIA

Livros:

BASTIDE, Roger. **As Américas Negras:** as civilizações africanas no novo mundo. São Paulo: Difel, 1974. 210 p.

_____. **As Religiões Africanas no Brasil:** contribuição a uma sociologia das interpenetrações de civilizações. São Paulo: Pioneira, 1971.

DIOP, Cheikh Anta. **A Unidade Cultural da África Negra:** Esferas do Patriarcado e do Matriarcado na Antiguidade Clássica. Ramada, Portugal: Pedagogo, 2014.

FINCH III, Charles S. **Cheik Anta Diop: Confirmado** in Afrocentricidade: uma abordagem epistemológica inovadora. São Paulo: Selo Negro, 2009.

_____; NASCIMENTO, Elisa Larkin. **Abordagem Afrocentrada, História e Evolução** in Afrocentricidade: uma abordagem epistemológica inovadora. São Paulo: Selo Negro, 2009.

Hilliard III, Asa G. **O Rabequista e a Festa:** Uma Crítica a Africana a Educação Multicultural nos Estados Unidos. In Afrocentricidade: uma abordagem epistemológica inovadora. São Paulo: Selo Negro, 2009.

MACEDO, José Rivair. **História da África.** São Paulo: Contexto, 2013.

NASCIMENTO, Elisa Larkin do (org.). **Afrocentricidade:** uma abordagem epistemológica inovadora. São Paulo: Selo Negro, 2009.

_____. (org.). **A Matriz Africana no Mundo.** São Paulo: Selo Negro, 2008.

RABAKA, Reiland. **Teoria crítica Africana** in Afrocentricidade: uma abordagem epistemológica inovadora. São Paulo: Selo Negro, 2009.

SANTOS, Juana Elbein dos. **Os Nagô e a Morte:** Pàde, Àsèè e o culto Égun na Bahia. Petrópolis: Vozes, 2012.

Wendorf, Fred; SCHILD, Romuald; CLOSE, Ângela. **An Ancient Harvest the Nile. In: Sertima.** Ivan Van (org.). Blacks in Science: ancient and modern. Neo Brunswick; Oxford: Transaction Books, 1983, p. 58-66.

Material de apoio para professores produzido nesse TCC:

SCHIRMER, Ingrid Noal. **Raízes Africanas do Egito Antigo:** uma abordagem interdisciplinar a partir das artes visuais. 2018.

Jornal:

KLEIN, Samanta. Universidade Multicolorida. **Jornal da Universidade**. Porto Alegre, RS: Setembro de 2015. Caderno JU, C1-C4.

Conferência:

CANE, Malik. “**Transatlanticidade**”: Do African Burial Ground New York ao projeto do Memorial de Gorée. In: Seminário Internacional: Lugares de Memória no Triângulo do Atlântico, 11ª Bienal do Mercosul., 24 /08/2017, Porto Alegre, RS.

Material da Internet:

AFRICAN ROCK ART IMAGE PROJECT Disponível em: <<https://africanrockart.britishmuseum.org>>. Acesso em: 10 out. 2018

ALMEIDA, Leonor dos Santos et al. **Carta Documento ao Governador do Estado do RS**. 2011. Disponível em: <<http://comiteestadualdopovodeterreiros.blogspot.com.br>>. Acesso em: 10 set. 2016.

GOOGLE MAPS. Disponível em: < <https://www.google.com.br/maps>>. Acesso em: 07 dez. 2018.

GOMES, Nilma Lino. **Cultura negra e educação**. Rev. Bras. Educ. [online]. 2003, n.23, pp.75-85. ISSN 1413-2478. Disponível em: <<http://www.scielo.br>>. Acesso em: 20 nov.2018.

_____. **Relações Étnico-Raciais, Educação e Descolonização dos Currículos**. In Educação, Culturas Indígenas e Afro-Brasileiras - relações étnico-raciais. Currículo Sem Fronteiras. São Paulo, v. 12, n.1, pp.98-109, Jan/ Abr 2012. Disponível em: < <http://www.curriculosemfronteiras.org>>. Acesso em: 10 de outubro de 2018.

_____. **História da África e das culturas afro-brasileiras**: processos para a transversalidade emancipatória. In: Debates e perspectivas para a institucionalização da Lei no 10.639/2003. Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil, 2011. Audiovisual, Brasília: UNESCO, 2012. Disponível em: <<http://www.unesco.org/new/pt/brasil>>. Acesso em: 20 de novembro de 2018.

HISTÓRIA GERAL DA ÁFRICA I: Metodologia e pré-história da África / editado por Joseph Ki-Zerbo. – 2.ed. ver.– Brasília: UNESCO, 2010. Disponível em: <<http://www.unesco.org/new/pt/brasil>>. Acesso em: 06 set. 2018.

HISTÓRIA GERAL DA ÁFRICA II: África antiga / editado por Gamal Mokhtar. – 2.ed. ver. – Brasília: UNESCO, 2010. Disponível em: <<http://www.unesco.org/new/pt/brasil>>. Acesso em: 03 out. 2018.

GOOGLE MAPS. Disponível em: <<https://www.google.com.br/maps>>. Acesso em: 30 nov. 2018.

MUNANGA, Kabengele. **Diversidade, identidade, etnicidade e cidadania**. In: Caderno Anped Palestra proferida no 1º Seminário de Formação Teórico Metodológica, USP, São Paulo, 2003. Disponível em: <<http://www.acaoeducativa.org.br/fdh/wpcontent/uploads/2012/09/Palestra-Kabengele-DIVERSIDADEEtnicidade-Identidade-eCidadania.pdf>>. Acesso em: 10 out. 2018.

MUSÉE DU LOUVRE. Disponível em: <<https://www.louvre.fr>>. Acesso em: 10 de nov.2016.

NATIONAL GEOGRAPHIC. Disponível em: <<http://ngm.nationalgeographic.com>>. Acesso em: 09 abr.2017

OLIVA, Anderson Ribeiro. Desafrikanizar o Egito, embranquecer Cleópatra: silêncios epistêmicos nas leituras eurocêntricas sobre o Egito em manuais escolares de História no PNL 2018. Romanitas – Revista de Estudos Grecolatinos, n. 10, p. 26-63, 2017. Disponível em: <<http://periodicos.ufes.br/romanitas/search>>. Acesso em: 02 nov. 2018

PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA. Disponível em: <<http://www.planalto.gov.br>>. Acesso em: 02 jan. 2017.

STAATLICHE MUSEEN ZU BERLIN. Disponível em: <<https://www.smb.museum/home.html>>. Acesso em: 12 maio 2017

UNESCO. Disponível em: <<http://whc.unesco.org>>. Acesso em: 10 fev. 2018.

THE METROPOLITAN MUSEUM OF ART. Disponível em: <<http://www.metmuseum.org>>. Acesso em: 03 jan. 2018.

THE BRITISH MUSEUM. Disponível em: <<http://britishmuseum.org>>. Acesso em: 03 jan. 2018.

THE PETRIE MUSEUM OF EGYPTIAN ARCHAEOLOGY. Disponível em: <<https://www.ucl.ac.uk/culture/petrie-museum>>. Acesso em: 10 abril 2017